

ESTRANGEIRISMOS: ‘UP’ NA LÍNGUA PORTUGUESA OU “DÉFICIT” DA IDENTIDADE LINGUÍSTICA?

ANA CLARA CARDOSO MUNDIM BOSI¹

DR. BENTO SOUZA BORGES²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar o uso de estrangeirismo na Língua Portuguesa, partindo da visão dos linguistas, dos gramáticos e de seu uso social. Por meio de uma pesquisa bibliográfica, buscou-se tratar o tema considerando seus contextos linguísticos, sociais, políticos e legislativos, como, por exemplo, o veto parcial de Tarso Genro, Governador do Rio Grande do Sul, sobre o Projeto de Lei do deputado Raul Carrion que prevê a obrigatoriedade da tradução de expressões ou palavras estrangeiras para a Língua Portuguesa, sempre que houver no idioma português palavra ou expressão equivalente, sobretudo porque coloca, como uma de suas propostas, a proteção e a defesa da Língua Portuguesa. O texto apresenta real intencionalidade de levar-nos à reflexão sobre o léxico nacional e compreender melhor o mundo atual, a globalização e o efeito do estrangeirismo presente na comunicação cotidiana. Concluindo que, a estrutura linguística inclui a diferenciação ordenada dos usuários e dos estilos por meio de regras que governam a variação na comunidade linguística.

Palavras-Chave: Léxico. Globalização. Estrangeirismo. Padrão Tradicional e Reflexão.

RESUMÉN

El presente estudio tiene como objetivo analizar el uso de extranjerismo en la Lengua Portuguesa, partiendo de la visión de los lingüistas y gramáticos y de su uso social. Por medio de una investigación bibliográfica, se buscó tratar el tema considerando sus contextos lingüísticos, sociales, políticos y legislativos, como, por ejemplo, el veto parcial de Tarso Genro, Gobernador de Rio Grande do Sul, sobre el proyecto de ley del diputado Raul Carrion que prevé la obligatoriedad de la traducción de expresiones o palabras extranjeras para la lengua portuguesa, siempre que haya en el idioma portugués palabra o expresión equivalente, sobre todo porque coloca como una de sus propuestas: la protección y la defensa de la lengua portuguesa. El texto, presenta real intencionalidad de llevarnos a la reflexión sobre el léxico nacional y comprender mejor el mundo actual, la globalización y el efecto del extranjerismo presente en la comunicación cotidiana. Concluyendo que la estructura lingüística incluye la diferenciación ordenada de los usuarios y de los estilos a través de reglas que gobiernan la variación en la comunidad lingüística.

Palabras Clave: Léxico. Globalización. Extranjerismo. Patrón Tradicional y Reflexión.

¹ Graduanda em Letras pela Fundação Carmelitana Mário Palmério-Fucamp, em Monte Carmelo-MG. ✉anaclaracmb2428@gmail.com .

² Professor Me de Língua Portuguesa e Linguística da FUCAMP. Orientador. ✉bentoprof@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Atualmente existem muitas palavras no vocabulário brasileiro oriundas diretamente de línguas estrangeiras, como o inglês, o francês, entre outros idiomas. Isto advém do peso da influência da colonização e dos imigrantes que trouxeram seu idioma. Outro fator que explica essa mistura é o processo de globalização e o acesso rápido às informações adquiridas atualmente, seja por meio de músicas, de filmes, de programas ou de produtos do mercado internacional. Assim, aumenta cada dia mais, a lista de palavras do Inglês e de outros idiomas, utilizados no cotidiano brasileiro.

O tema tratado ao longo deste texto, já vem acontecendo há tempos, embora tenha ganhado forças na atualidade, devido à evolução dos meios de comunicação e das diversas relações sociais.

O interesse por este tema deu-se no decorrer do curso de Letras, ao entrar em contato com as diferentes e atuais tecnologias e também com as ilustres ciências do saber, como a Linguística e seus pensadores. Saussure, por exemplo, nos esclarece que “[...] a linguística tem relações bastante estreitas com outras ciências, que tanto lhe pegam emprestados como lhe fornecem dados. Os limites que a separam de outras ciências não aparecem sempre nitidamente” (SAUSSURE, 2006, p. 13).

Este tema, pela sua relevância, passou a ser material de debate social, jurídico, e até mesmo político já que o Governador do Rio Grande do Sul, Tarso Genro, causou um grande alvoroço no âmbito das discussões sobre a Língua Portuguesa, ao vetar parcialmente o projeto de lei do deputado Raul Carrion (PC do B), que prevê a obrigatoriedade da tradução de expressões ou palavras estrangeiras para a Língua Portuguesa, sempre que houver no idioma português palavra ou expressão equivalente, sobretudo porque coloca como uma de suas propostas: a proteção e a defesa da Língua Portuguesa.

Nesse contexto, em pesquisas realizadas, foi observado que o referido Governador havia sancionado apenas o artigo 2º, o qual determina que:

[...] todos os órgãos, instituições, empresas e fundações públicas poderão priorizar a Língua Portuguesa na redação de seus documentos oficiais, sítios virtuais, materiais de propaganda e publicidade, ou qualquer outra forma de redação institucional por meio da palavra escrita (BRASIL, 2009).

Desse modo, o Governador argumenta que a parte sancionada contribui para a conscientização da sociedade no fortalecimento da Língua Portuguesa.

É importante destacar que grande parte das discussões a respeito do estrangeirismo na Língua Portuguesa – inclusive as que surgiram a partir do referido projeto – nos tempos atuais desconsideram o fato de essa língua ser resultado de um longo processo histórico que conjuga mudanças linguísticas e contatos entre falantes diversos povos e de línguas, também diferentes entre si. Concentra-se, sobretudo, em discussões acerca de questões como: deterioração/não deterioração da Língua Portuguesa, necessidade/não necessidade de tais empréstimos ou, ainda, de inferiorização cultural por causa do uso de tais palavras estrangeiras.

A língua falada por um determinado povo é e sempre foi afetada por palavras e/ou expressões de outro idioma. Essas palavras podem ser denominadas empréstimos e/ou estrangeirismos que, segundo Bréal (1992), existem desde sempre, ou seja, em todas as épocas. Essa influência, por inúmeras vezes, é interpretada como uma invasão que agride, danifica e degrada a “pureza” da língua, corroendo ao mesmo tempo, a identidade de seu povo. Mas o que seria a pureza de uma língua? Seria possível uma nação conservar sua língua livre de toda e qualquer influência estrangeira?

Nesse contexto, todos os estrangeirismos são dignos de condenação, ou existiria um uso de empréstimos que fosse benéfico e necessário à constituição de um idioma nacional? Há um uso de empréstimos que determine uma relação da língua com comércio, ou seja, língua como mercadoria?

Indagações como essas começaram a ganhar corpo e buscam-se, neste texto respostas e/ou explicações para algumas delas. Assim, o objetivo deste texto é analisar a influência dos estrangeirismos na Língua Portuguesa, destacando posicionamentos que argumentam favoravelmente e posicionamentos contrários a esse processo.

Este artigo se divide em duas seções, além desta Introdução: a primeira mostra as origens e transformações sofridas pela Língua Portuguesa ao longo dos séculos; a segunda analisa o uso de estrangeirismos e sua influência na língua. Em seguida, são formuladas as considerações finais e apresentadas as referências.

1 Língua Portuguesa: origem e transformações

A vida do ser humano está intimamente relacionada ao processo de comunicação e o aprimoramento da capacidade comunicativa acompanha a própria evolução humana. À medida que amplia seu relacionamento com o mundo, o ser humano aperfeiçoa e multiplica a sua capacidade de comunicação, envolvendo palavras, sons e imagens. Textos verbais e não verbais interagem e contribuem para a representação oral e escrita das sociedades.

A globalização provocou uma nova tendência que busca padronizar todas as culturas em uma só. Esse fenômeno provoca uma busca constante por uma unidade linguística para que a compreensão entre os povos seja facilitada. Para tanto, o Inglês, que é o idioma falado nos Estados Unidos, país historicamente conhecido como uma das maiores potências, vem cumprindo o papel de uma língua mundial.

Embora o uso de empréstimos linguísticos não seja uma prática nova, é preciso salientar que, com as mudanças ocasionadas recentemente, houve uma modificação considerável no uso do estrangeirismo, pois, como ferramenta, os aparatos tecnológicos de comunicação tornaram a troca de informações dinâmica em todo o mundo, mesmo entre as mais distantes nações. Para Hall (2006),

[...] a “globalização” se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de tempo-espaço, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado

Uma vez que a Economia e o mercado se tenham tornado globalizados, os produtos e os processos tecnológicos, uniformizados exigem a utilização de termos e de vocábulos de compreensão também global. Mas não se trata apenas de uma necessidade econômica ou de trabalho: as comunidades globais também interagem por meio de uma universalização de linguagem que, certamente, privilegia uma língua mais elitizada em detrimento de outra considerada menor expressiva. Zilles aponta:

No campo das mudanças linguísticas, os empréstimos de palavras ou expressões são em geral associados a atitudes valorativas positivas do povo que os toma em relação à língua e à cultura do povo que lhes deu origem. Muitas vezes são utilíssimos à elite, que assim se demarca como diferente e superior [...]. Outras vezes, são felizes incidências na constituição identitária e cultural de um povo [...] (ZILLES, 2004, p. 156).

O brasileiro construiu sua identidade através do tempo, juntando características de vários povos que foram chegando ao País. Essa miscigenação se mostra na culinária, nas tradições mantidas por descendentes de imigrantes, e no jeito de falar de cada região do País.

Contextualmente a Língua Portuguesa, originou-se da língua latina, que advém da língua indo-europeia; a Língua Portuguesa resulta de um extenso processo de transformações que ocorreram no Latim falado na parte ocidental da Península Ibérica, que para lá foi levado, à época da expansão territorial empreendida por Roma, por volta do início do século II a.C.

Os romanos quando chegaram a essa região encontraram já outros povos que nela habitavam, conforme afirma Machado (1967, p. 5): “De seguro apenas se conhece que nas épocas pré-romanas muitos povos moravam na Península Pirenaica [...]”. Entre esses povos, o mesmo Machado (1967 p. 6 e ss.) aponta os lígures, os celtas, os iberos, os gregos entre outros.

O Latim foi, como afirma Leite de Vasconcellos (1926, p. 23), “A principal fonte que contribui para a formação do léxico português [...]”. Sabe-se que ela não é a única fonte desse léxico, como o mesmo Leite de Vasconcellos deixa entrever na seguinte passagem: “Os Romanos introduziram no seu vocabulário comum palavras das línguas que encontraram na Península, as quais continuam hoje, em parte, a viver.” (VASCNCELLOS, 1926, P. 26) Portanto, a língua latina incorpora ao seu léxico palavras originadas de outras línguas com as quais os Romanos mantinham contato, e essas palavras, a seguir, passarão a constituir o léxico português, via Latim.

Podemos afirmar, então, que, ao longo desse processo, houve a introdução dos primeiros estrangeirismos na Língua Portuguesa. No decorrer de sua História, a Língua Portuguesa incorporou, ainda, ao seu léxico estrangeirismos quando ainda se estava formando, já depois de surgida e após ser difundida para outras terras, como América e África.

As palavras de origem estrangeira normalmente passam por um processo de aportuguesamento fonológico e gráfico. Essas palavras são tão frequentes em nosso cotidiano que, muitas vezes, nem percebemos que estamos usando um estrangeirismo, pois já as sentimos como portuguesas. Eis, abaixo, uma pequena lista de palavras que o Português tomou de empréstimo às línguas de outros povos:

Do Grego: anjo, apóstolo, Ângelo, bíblia, bodega, bispo, blasfêmia, blasfemar, batizar, drama, escola, golpe, governar, gesso, igreja, monarquia, teatro, clímax, púrpura, nostalgia, telefone, microscópio, mecânica, heureka etc.

Do Hebraico: aleluia, Páscoa, sábado, Jesus, Maria etc.

Do Alemão: guerra, norte, sul, realengo, Ricardo, elmo, orgulho, sabão, burgo, brasa, trégua, luva, espora, albergue, fralda, coifa, feudo, embaixada, rico, branco, íngreme, ganso, guardar, roubar, gastar, agasalhar, vermute etc.

Do Árabe: açougue, açucena, açude, adaga, alarido, alarde, alcova, algazarra, alicerce, Alá, algodão, alfafa, alface, alfaiate, alfândega, alfazema, algarismo, almôndega, açúcar, álcool,

acém, algema, álgebra, alforje, almoxarife, andaimes, argola, armazém, arroz, assassino, até, azeite, azeitona, azulejo, bazar, barraca, café, caravana, cuscuz, fulano, gazela, javali, leilão, laranja, lima, limão, marfim, mesquita, mulçumano, oxalá, romã, saguão, sorvete, tâmara, xerife, xarope etc.

Do Francês: abajur, avenida, balê ou balé, batom, bibelô, bidê, bijuteria, boate, boné, bufê, buquê, bege, clichê, cabaré, cachê, camioneta ou caminhonete, camelô, carnê, cassetete, chalé, champanha, chantagem, chassi, chique, chofer, complô, conhaque, creiom, crepom, crochê, croqui, cupão ou cupom, dossiê, edredom, filé, detalhe, elite, etiqueta, gafe, greve, garçom, glacê, guichê, guidom ou guidão, jargão, maçom, madama ou madame, maiô, maionese, maquete, maquilagem ou maquiagem, marrom, matinê, omelete, paletó, patê, pasteurizar, patoá, pierrô, pivô, placar, pose, purê, rendezu, raquete, toaleta, tricô, etc.

Do Inglês: bangalô, basquete, beisebol, bife, biquíni ou biquine, blefe, boi, buldogue, cicerone, clube, coquetel, craque, detetive, drinque, dólar, buldogue, esquete, esquí, esnobe, estêncil, estoque, esporte, filme, folclore, futebol, jóquei, handebol, hóquei, iogurte, iate, lanche, magazine, náilon, nocaute, piquenique, pingue-pongue, pulôver, quitinete, gim, repórter, recorde, suéter, sanduíche, tênis, trêiler, vagão, voleibol, xampu, etc.

Do Italiano: cassino, cicerone, confete, espaguete, gueto, imbrólio, lasanha, nhoque, madona, maestro, mortadela, piano, pitoresco, ricota, risoto, ravióli, soneto, pastel, lasanha, salsicha, terracota, etc.

Do Espanhol: castanhola, cavaleiro, caudilho, ninharia, ojeriza, etc.

Do Russo: esputinique, rublo, sovieta, vodca, etc.

Do Chinês: chá, chávena, nanquim, pequinês, etc.

Do Japonês: biombo, judô, gueixa, haraquiri, haicai, nissei, quimono, samurai, etc.

Do Turco: algoz, horda, lacaio, quiosque, etc.

Do Tupi: araponga, araçá, arara, carijó, Araxá, Avaré, biboca, caboclo, canoa, capenga, carioca, Goitacá, Guarani, Guaratinguetá, Iguaçu, Ipanema, Ipiranga, Itajubá, Iracema, Itu, Iguaçu, jiboia, jururu, mandioca, pajé, Paraíba, Paraná, pereba, Pernambuco, Piauí, pitanga, pindaíba, saci, Sergipe, tatu, Tocantins, xará, Xavante, etc.

De Línguas Africanas: acarajé, agogô, angu, axé, banguela, bunda, batuque, berimbau, búzio, cacunda, cachaça, cachimbo, chuchu, cacimba, cafundó, cafuné, canjerê, canjica, calombo, calundu, candomblé, camundongo, carimbo, capenga, caruru, caxambu, caxumba, dendê, dengo, Exu, farofa, fubá, gongá (ou congá), inhame, Iemanjá, jiló, macumba, mandinga, maracatu, marimba, marimbondo, maxixe, miçanga, milonga, molambo, moleque, muamba,

mungunzá, Orixá, Oxalá, Ogum, pomba-gira, quenga, quiabo, quibebe, quilombo, quindim, quitute, samba, senzala, tutu, vatapá, xangô, zumbi, etc.

2 Estrangeirismo

Ao iniciarmos uma discussão sobre influência do estrangeirismo em nossa Língua Portuguesa, devemos compreender três termos utilizados e muitas vezes confundidos pelos leigos dentro do assunto: o estrangeirismo, o empréstimo e o neologismo.

Primeiramente o estrangeirismo, que vem a ser o emprego de palavras que se originam de outra Língua Estrangeira e não possuem uma palavra correspondente a ela na nossa Língua, apontadas em nossas normas gramaticais como um *vício de linguagem*, e que sua pronúncia e escrita não sofre qualquer alteração, temos exemplos recentes e antigos, como no caso de “*long-play*”, “*close-up*”, “*standart*” etc.

Em segundo lugar, é possível observar, o empréstimo (galicismo, anglicismo etc.), no qual a própria nomenclatura já deixa clara, qual função têm as palavras, que sofrem pouca modificação e passam a fazer parte do léxico, sendo que todas elas hoje classificadas como empréstimo foram um dia estrangeirismos. São exemplos de empréstimos: “*habitat*”, “*deficit*” (latinismo); “*hot dog*”, “*top model*” (anglicismo) “*fondue*”, “*menu*” (galicismo). Além disso, Carvalho (2002, p. 21) confirma que “[...] todos os empréstimos só podem ser reconhecidos ao se adaptarem a padrões criados pelos termos populares, tanto no nível fonológico, quanto na tipologia silábica, além da estruturação morfológica”.

E, por último, o neologismo que é o surgimento de palavras novas, fato muito comum na mídia e em todos os meios de comunicação e que se torna parte do cotidiano, é o caso de: “*avohai*” que é um neologismo criado pelo cantor e compositor brasileiro Zé Ramalho, e consiste na aglutinação das palavras “*avô*” e “*Rai*” (= Raimundo), que de acordo com a história divulgada na biografia do artista advém de ele ter perdido seu pai ainda na infância, sendo assim criado por seu avô. Também, encontramos neologia, na obra de João Guimarães Rosa, “*Grande Sertão Veredas*”, onde o autor cita o neologismo: “*enxadachim*”, fazendo analogia entre o personagem marginalizado, sem valor para a sociedade, com o trabalhador perseverante, sobrevivente à qualidade de vida hostil, aquele que se faz forte em meio as dificuldades (representação no léxico: *enxada*). Mas que em momento algum se deixa abalar, fraquejar, tal como um “*espadachim*” (herói europeu, bastante conhecido), entre outros exemplos.

Nesta mesma linha temos outro exemplo. Aprendemos, na escola, que o nome Brasil deriva da palavra portuguesa “*brasa*” ou “*braseiro*”. Todavia, a origem da palavra Brasil está ligada ao termo celta *brésil*, cujo significado é “*vermelho*”. Nome este dado pelos franceses da

Normandia que, logo após o descobrimento, se tornaram os primeiros traficantes de pau-brasil. Em artigo de Luis Pellegrini (2002, p.21); temos a transformação de que, segundo o historiador João Ribeiro, a palavra “Brasil” na verdade é um galicismo: o primeiro galicismo da língua “brasileira”, originado do uso intenso da palavra *brésil*. O uso maior ou menor de estrangeirismo na língua vernácula está ligado à maior ou menor influência que a cultura de um país exerce sobre a cultura de outro.

Durante o tempo em que a cultura francesa dominou, os galicismos foram incorporados à língua, enquanto outros léxicos tiveram uso passageiro. Neste contexto, é possível observar que os empréstimos ou estrangeirismos, apresentam-se atualmente, como sinônimos, estando integrados e muito bem aceitos no vocabulário português. Como exemplo: “ateliê”, “chofer”, “croquete”, “filé”, “balé”, “boné”, “hotel”, “tricô”, “croché”, “suflê”, “butique”, “batom”, “garçom”, “ruge”, “judô”, “ópera”, “abajur”, “ioga”, “túnel”, “trem”, “avião”, “menu”, “restaurante”, “debutante”, “iate” e “futebol”. Além dessas, existem muitas outras palavras que originalmente figuravam como estrangeirismo e que hoje fazem parte da nossa língua e são veiculadas em propagandas como *hambúrguer*, *milk shake*, *sushi*, entre outras.

É importante lembrar que, no caso da Língua Portuguesa, os empréstimos de qualquer maneira nunca chegaram a ameaçar verdadeiramente a integridade sistêmica da língua, pelo contrário, eles se incorporaram de forma a enriquecê-la. Um caso de empréstimo na sintaxe é a antecipação do adjetivo ao substantivo, uma influência da sintaxe inglesa. Por isso é muito comum em nossa língua, a utilização de um adjetivo antes do substantivo hotel, como Grande Hotel, Pérola Hotel.

O fenômeno do empréstimo é comum em toda língua. O importante é compreendermos que não existe uma língua pura e que o vocabulário de qualquer língua do mundo é nada mais nada menos do que o resultado, por um longo tempo, de trocas culturais entre os povos, entre as comunidades, entre as pessoas.

O empréstimo resulta, portanto, de uma influência de uma língua sobre outra, fato esse que pode estar vinculado a outro tipo de influência, a cultural: “O tipo mais simples de influência que uma língua pode exercer em outra, é o ‘empréstimo’ de vocábulos. Sempre que há empréstimo cultural, há probabilidade de empréstimo para os termos correspondentes” (SAPIR, 1971, p. 193).

Semelhante posicionamento acerca da origem de uma importação vocabular encontra-se em Machado (1994, p. 6), quando diz que “Resulta esta dos contatos com outros povos, fornecedores de novos conceitos que os beneficiados nem sempre conseguem designar como elementos do seu fundo vocabular, do seu léxico preexistente”. Isso, ainda segundo Machado

ocorre porque “O progresso e a cada vez maior facilidade nas comunicações constituem decisivos meios para acelerar a importação lexical em todos os idiomas”.

Considerando essas informações, é possível afirmar que o estrangeirismo não é um fato incomum ou de pouca regularidade na língua, uma vez que é muito frequente o contato entre povos e línguas, a partir do que se pode ter a influência de um povo/uma língua sobre outro/a, ficando clara a possibilidade de incorporação de novos vocábulos, oriundos de outras línguas, a essa língua que está sob influência. (E ao se considerar a História da Língua Portuguesa, isso fica ainda mais evidente.)

Essa consonância de que o estrangeirismo pode ser resultado do contato cultural e, portanto, linguístico não se repete no que diz respeito ao aspecto conceitual, encontrando-se, pois, entre os autores que discutem esse tema, divergências quanto ao que seja o estrangeirismo. Assim, em Cunha (2003, p. 5-6) encontra-se a distinção entre *estrangeirismo* e *palavra estrangeira*. Segundo esse autor (p. 5), “*estrangeirismo* [é] aquela palavra que proveio de uma língua estrangeira (palavra esta que não pertence, portanto, ao nosso patrimônio latino) e que foi introduzida em português e nele perfeitamente adaptada” (destaque do autor). Como exemplos de estrangeirismo, esse autor apresenta palavras tais quais *gazetilha* (do castelhano *gacetilla*), *corbelha* (do francês *corbeille*), *maestro* (do italiano *maestro*), *futebol* (do inglês *football*), *tatu* (do tupi *ta'tu*), *quilombo* (do quibundo *ki'loMo*), *alfaiate* (do árabe *al'hayyât*), *catre* (do tamul *kattil*), *chá* (do chinês *ch'a*), *bonzo* (do japonês *bózu*). (*loc. cit.*, destaques do autor).

Já abordando o tema *palavra estrangeira*, Cunha (2003, p. 6) diz: “[...] consideramos *palavra estrangeira* aquela palavra que, embora usada por alguns dos nossos escritores e, mais frequentemente, na linguagem da imprensa, ainda não foi completamente adaptada ao nosso idioma.”

Machado (1994, p. 13), diferentemente de Cunha (2003.), não distingue estrangeirismo de palavra estrangeira, quando, referindo-se às palavras estrangeiras, diz: “Tenho-as encontrado na linguagem oral, em jornais, revistas e livros sobre os mais variados assuntos, incluindo mesmo estudos que enumeram e condenam estrangeirismos”.

Observa-se, assim, que, para Machado, constituem estrangeirismo tanto as palavras que pertencem ao português e foram adaptadas a ele – na terminologia de Cunha – quanto as que não foram. Aquela distinção estabelecida por Cunha parece-nos, ainda, imprópria, sobretudo se considerarmos que tanto o estrangeirismo quanto a expressão estrangeira são constituídos de fonemas, isto é, são palavras que vieram de outra língua para o Português. Em outros termos,

isso significa que o estrangeirismo também é uma palavra estrangeira que passou a integrar o léxico da Língua Portuguesa.

Outra objeção para essa distinção entre estrangeirismo e palavra estrangeira, conforme fora estabelecida por Cunha acima, seria o fato de existirem em português, como demonstra Neves (2010, p. 253), “palavras cuja forma gráfica original inglesa convive com uma palavra aportuguesada”, o que significa dizer que ocorre o emprego dessa palavra tanto em sua forma adaptada ao português como em sua forma não adaptada. Entre as palavras que possuem esta característica Neves aponta, por exemplo, *bang-bang* – *bangue-bangue*, *baseball* – *beisebol*, *box* – *box*, *cartoon* – *cartun*, *cocktail* – *coquetel*, *container* – *continer*.

Nesse sentido, conceber-se-á estrangeirismo em conformidade com Garcez e Zilles, que afirmam:

Estrangeirismo é o emprego, na língua de uma comunidade, de elementos oriundos de outras línguas. No caso brasileiro, posto simplesmente seria o uso de palavras e expressões estrangeiras no português. Trata-se de um fenômeno constante no contato entre comunidades linguísticas também chamado de empréstimo (GARCEZ; ZILLES In: FARACO, 2002, p. 15).

Biderman (2001) indica três diferentes tipos de estrangeirismos que ocorrem na Língua Portuguesa:

1] *Decalque* — versão literal do lexema-modelo concretizado, tendo em vista que tais palavras são calcos literais da palavra estrangeira, por exemplo, retroalimentação, supermercado e cartão de crédito; 2] *Adaptação* da forma estrangeira à fonética e à ortografia brasileira, quando, em geral, o estrangeirismo já foi adotado há muito tempo pela nossa cultura, por exemplo, boicote (*boy-cott*), clube (*club*) e drinque (*drink*); e 3] *Incorporação* do vocábulo com a sua grafia original, por exemplo, *hardware*, *check-up* e *best sellers*.

Tal ideia mostra que existe, de fato, uma vasta diversidade entre os termos advindos de outras línguas sofrendo influencia na atualidade por serem utilizados com muita frequência pelos falantes, sem respeitar com devido rigor os padrões da Língua Portuguesa, mas sim, incorporando tais termos ao léxico nacional, por meio de adaptações de diversificadas palavras com a finalidade de promover a comunicação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de alguns pontos de vista divergentes, consideramos que, ao falar sobre estrangeirismo, é prudente não o analisar como algo que atrapalhe, interfira ou dificulte o curso comunicativo, mas, sim, como resultado de uma miscigenação linguística e cultural a que estamos expostos. Ele deve ser visto como um elemento benéfico que irá acrescentar riqueza lexical ao idioma e, dessa forma, interferir positivamente no léxico nacional.

Pode-se até relacionar o estrangeirismo à perda de identidade nacional, no entanto, o uso de palavras estrangeiras não afeta a Língua Portuguesa, o que ocorre é um acréscimo no vocabulário e não uma substituição pelo que vem de fora. Proibir palavras de outro idioma em território nacional significa fechar o país para o mundo, remetendo ao nacionalismo exacerbado e à xenofobia, grandes vilões da prosperidade de um mundo globalizado.

Desse modo, devemos ater à existência de um termo equivalente em português que seja mais conhecido a fim de traduzir corretamente o vocábulo, sem que ocorram interferências de sentido na comunicação ali buscada.

Confirmando o que afirmamos, é de nosso dever, fatalmente realizar a busca pela compreensão da necessidade de usar o termo em português ou na língua nativa de determinado país. Com a finalidade de atermo-nos as expressões culturais ao idioma nativo.

Dessa forma, estaremos buscando a prevalência de sentido no ato de comunicação, ou seja, este não pode se distanciar muito da realidade, veracidade da língua tratada; no momento em que se é realizada a tradução para a língua de origem.

As palavras estrangeiras não tomam o lugar das nacionais, apenas ampliam o entendimento de uma palavra em mais de um idioma. Atualmente, esse empréstimo linguístico ocorre, principalmente, por estética daquele que o usa, mais do que por necessidade. Isso não representa somente uma mudança na língua – desaprovada por alguns linguistas – mas, também, um enriquecimento linguístico e cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABNT Associação Brasileira de Normas Técnicas. **NBR 14.724, de 17.03.2011**. Informação e documentação, trabalhos acadêmicos, apresentação. Válida a partir de 17.04.2011. Rio de Janeiro, 2011.

BRASIL, Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul. Projeto de Lei Raul Carrion 156/2009. Institui a obrigatoriedade da tradução de expressões ou palavras estrangeiras para a

língua portuguesa, sempre que houver em nosso idioma palavra ou expressão equivalente, no âmbito do Estado do Rio Grande do Sul e dá outras providências. Porto Alegre, 5 de agosto de 2009.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2001;

BRÉAL, M. **Ensaio de Semântica**. Trad. Brás. São Paulo: Pontes/Educ. 1992.

CARVALHO, Nelly. **Empréstimos linguísticos**. São Paulo: Ática, 2002;

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Os estrangeirismos da Língua Portuguesa: vocabulário histórico-etimológico**. São Paulo: Humanitas, 2003.

CUNHA, Celso **Língua Portuguesa e Realidade Brasileira**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1981.

FARACO, Carlos Alberto (Org.). **Estrangeirismos: guerras em torno da língua**. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MACHADO, José Pedro. **Origens do português: ensaios**. 2. ed. Lisboa: Sociedade de Língua Portuguesa, 1967.

_____. **Estrangeirismos na Língua Portuguesa**. Lisboa: Notícias, 1994.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Ensino de língua e vivência de linguagem: temas em confronto**. São Paulo: Contexto, 2010.

SAPIR, Edward. **A linguagem: introdução ao estudo da fala**. 2 ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

PELLEGRINI, Luis. **A metáfora vegetal do nosso país**. Planeta, setembro, 2002, p.21.

ZILLES, Ana Maria S. Ainda os equívocos no combate aos estrangeirismos. FARACO, Carlos Alberto (Org.). **Estrangeirismos: guerras em torno da língua**. 3. ed. São Paulo: Parábola, 2004. p. 143-161.